

JORNALISTAS E A "COBERTURA MIDIÁTICA" DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS, DE 2008*

JOURNALISTS AND "MEDIA COVERAGE" OF MUNICIPAL ELECTION IN 2008

PERIODISTAS Y LA "COBERTURA DE LOS MEDIOS" DE LAS ELECCIONES MUNICIPALES DE 2008

Seane Alves Melo
Igor Gastal Grill

Resumo: O artigo busca demonstrar, com base em uma bibliografia francesa voltada para a sociologia das profissões e inspirada no referencial de Pierre Bourdieu, a interdependência entre agentes situados em espaços distintos e, também, as relações possíveis entre diferentes domínios sociais. Assim, a partir das "páginas políticas" dos jornais maranhenses *Jornal Pequeno* e *O Estado do Maranhão*, buscamos compreender as relações de poder que tomam corpo na esfera do jornalismo e as disputas entre seus agentes. São analisadas as retóricas acionadas pelos jornalistas, os percursos de profissionais que trabalham na editoria de política e as concepções acerca do ofício que possuem.

Palavras-chave: Interdependência. Jornalismo político. Sociologia das profissões. Relações de poder.

Abstract: The article seeks to demonstrate, on the basis of a French bibliography directed toward the sociology of the professions and inspired by Pierre Bourdieu's work, the interdependence between agents situated in distinct spaces and, also, the possible relations between different social domains. Thus, from the "political pages" of Maranhão's newspapers *"Jornal Pequeno"* and *"O Estado do Maranhão"*, we seek to understand the relations that take place in the sphere of journalism and the disputes between its agents. The rhetoric set in motion by the journalists, the path of professionals who work in the politics editorial and the conceptions concerning their craft are analyzed.

Keywords: Interdependence. Political journalism. Sociology of professions. Power relations.

Resumen: En este trabajo se intenta demostrar, sobre la base de una bibliografía francesa volcada a la sociología de las profesiones y basada en el referencial de Pierre Bourdieu, la interdependencia entre los agentes ubicados en diferentes espacios, y también las posibles relaciones entre los diferentes ámbitos sociales. Así, desde las "Páginas políticas" de los periódicos *"Jornal Pequeno"* y *"O Estado do Maranhão"*, intentamos comprender las relaciones de poder que se producen en el ámbito del periodismo y las disputas entre sus agentes. Se analiza la retórica llevada a cabo por los periodistas, las trayectorias de los profesionales que trabajan en la política editorial y las percepciones que tienen a respecto de su oficio.

Palabras clave: Interdependencia. Periodismo político. La sociología de las profesiones. Las relaciones de poder.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica¹ que se insere em um projeto mais amplo sobre as eleições municipais de 2008, no Maranhão, intitulado "Dinâmicas da Política Local: candidatos e eleições municipais no Maranhão". Baseado em uma bibliografia francesa voltada para a sociologia das profissões e inspirada no referencial de Pierre

Bourdieu, o trabalho procura demonstrar como os fenômenos políticos são recortados em diferentes grupos sociais, nem sempre ligados diretamente a política, neste caso, o jornalismo praticado nas "páginas políticas" dos jornais maranhenses *Jornal Pequeno* e *O Estado do Maranhão*.

Por meio da análise de matérias veiculadas e entrevistas com jornalistas, buscamos compreender: a) que relações a esfera do jorna-

* Trabalho premiado durante o XXII Encontro do SEMIC realizado na UFMA entre os dias 25 a 27 de outubro de 2010.
Artigo recebido em fevereiro 2011
Aprovado em março 2011

lismo possui com o domínio político; b) qual o peso das relações pessoais como recurso profissional; c) como a política é concebida para esses agentes; d) quais trunfos são acionados pelos agentes que atuam no jornalismo político. Pretendemos ainda refletir sobre a maior ou menor autonomia dos agentes que atuam nessa área, por meio do perfil de dois jornalistas que trabalham na Editoria de política dos jornais citados.

Objeto de estudo em diversos países, as "páginas políticas" dos jornais impressos têm se mostrado como importantes locais de observação das transformações ocorridas no jornalismo, mais especificamente com relação ao perfil dos jornalistas e suas concepções, e das relações que este domínio estabelece com a da política.

Diversos estudiosos, como Weber (2005), Bourdieu (1997), Champagne (2000a), Neveu (2006), entre outros, observaram a estreita relação da esfera jornalística com os campos econômico e político. Em um texto formulado em 1910, Weber reflete sobre o ato de tornar público alguns assuntos em detrimento de outros, o que geraria relações de poder, cuja percepção é essencial para a compreensão sociológica desse espaço discursivo.

Os contatos dos jornais com os partidos, aqui e em outros países, seus contatos com o mundo dos negócios, com todos os inumeráveis grupos e pessoas que influem na vida pública e são influenciados por ela, supõem um campo impressionante para a investigação sociológica, explorado até agora somente em alguns de seus elementos. (WEBER, 2005, p. 15).

Bourdieu (1997) e Champagne (2000a) enfatizam a baixa autonomia do jornalismo em relação ao campo econômico, que pode ser observada pela determinação em maior ou menor escala do que é veiculado de acordo com os índices de audiência, de vendas e assinaturas. Champagne analisa não só os efeitos que o campo econômico exerce sobre a produção jornalística, mas como, em grande parte, as alterações da lógica capitalista alteraram também a própria concepção do que é a "informação". No caso francês, o aumento da receita publicitária para a televisão e para o rádio, por volta da década de 1970, é apontada como uma das principais causas para as redefinições do *métier* jornalístico na imprensa escrita. Somada a isso, outros fatores, como a popularização dos *press-releases* e a redução de custos nas redações, representada principalmente pela contratação de *free-lancers*, contribuem para

a produção de uma informação igualmente precária (CHAMPAGNE, 2000a, p. 6).

A queda da receita publicitária no jornalismo impresso do qual fala Champagne (2000a) também é citada por Marchetti (2000) como um dos fatores que motivou a criação e a busca de certas especialidades jornalísticas, a exemplo do jornalismo investigativo. O desenvolvimento das mídias audiovisuais reforçou o caráter comercial existente no jornalismo e, segundo Marchetti, contribuiu para a homogeneização da notícia. No entanto, para sobreviver à concorrência, os diferentes suportes foram obrigados a marcar suas diferenças e investir em certas especialidades, como as "revelações" do jornalismo de investigação.

Marchetti (2000) explica que o jornalismo de investigação surge na França, na primeira metade dos anos 1980, nas empresas de informação geral e política. Mas, segundo a autora, esta especialização só se tornou possível, por sua vez, graças a mudanças estruturais nos campos político – "o aumento do custo das atividades políticas, o desenvolvimento de novas técnicas (pesquisa de opinião, marketing, comunicação) ou ainda a transformação estrutural da ação pública" (MARCHETTI, 2000, p. 30, tradução nossa). – e judiciário, que passaram a ser objeto de interesse de um pequeno grupo de jornalistas em formação, que passaram a acompanhar os casos jurídicos relacionados com o domínio político.

A autora analisa as origens sociais (classe média e superior) e formações profissionais (estudos superiores na universidade ou nas grandes *écoles*, como o *Institut d'études politiques de Paris*, por exemplo) e ressalta a posição cada vez mais crítica que esses jornalistas adotam frente à política. Assim, segundo a autora, a partir dos anos 1980, o jornalismo francês se distancia da sua face mais opinativa. Os jornais se transformam em jornais de jornalistas, não mais em jornais de militantes.

Nicolas Kaciaf (2006), ao analisar as páginas políticas francesas, faz também uma análise das transformações que se passaram nesta especialidade. Não tão focado no surgimento do jornalismo investigativo, Kaciaf demonstra as transformações que ocorreram devido a mudanças estruturais na política e no jornalismo na passagem de uma República a outra (1945-1981). Na quarta República, o jornalismo político ou "parlamentar", segundo o autor, era marcado pelo caráter de publicidade. Assim, as matérias consistiam, notadamente, em reproduções das principais decla-

rações realizadas nas sessões da Assembléia. Alguns jornais procuravam revelar o conteúdo de decisões confidenciais ou as estratégias de grupos parlamentares, porém, essas informações geralmente eram publicadas sob a forma de “artigos” dos chefes do serviço, que eram assinados² e consagravam o poder de síntese e comentário do autor.

A partir dos anos 1960, e, sobretudo, nos anos 1970, o jornalismo passa de uma lógica de publicidade para uma lógica de “décryptage” (decodificação) ou de vulgarização da competição política nacional. Assim, os jornalistas políticos passaram a pôr em perspectiva as declarações públicas dos políticos e a analisar as estratégias subjacentes, que agora passam a fazer parte dos antigos textos descritivos. A questão, para Kaciaf (2006), é que condições tornaram possível essa transformação na retórica dos jornalistas e consequentemente no papel que os jornalistas políticos exerciam.

Segundo o autor, da década de 1940 até a de 1950, existe uma estreita ligação entre os políticos e os jornalistas. Esta é uma das causas da forma que as “páginas políticas” assumem, pois demonstra a dependência estrutural em relação à política. As competências jornalísticas nesse período são descritas da seguinte maneira: “Por que a excelência do jornalismo político residia tanto na frequência das elites parlamentares quanto na capacidade de se posicionar como um ator ou como um “abrigo” do debate público” (KACIAF, 2006, p. 373, tradução nossa). Porém, o conteúdo das páginas também era definido pelo cenário político da quarta república, na qual o parlamento e, principalmente, a Assembléia, constituem o principal espaço da competição política francesa.

Com a ascensão do General de Gaulle ao poder, na quinta república francesa, o papel da Assembléia começa a minguar e os serviços políticos do jornal passam a priorizar a cobertura das atualidades dos partidos, do governo e do Palácio do Eliseu, onde o presidente francês reside. A nova geração de jornalistas que passa a atuar nos jornais tende a amenizar suas preferências políticas para se colocar como observadores e árbitros do jogo político.

As diferenças de estilo e produção do material jornalístico também são objetos de disputa e indícios da posição que um jornalista pode ocupar no seio do campo, podendo ser mais ou menos autônomo. Em estudo sobre cinco jornais, Neveu (1993) procurou nos textos jornalísticos três dimensões da escrita jornalística, são elas: o caráter mais ou menos

reflexivo do discurso, a dependência variável com relação às fontes e a tomada de posição explícita ou não.

Destarte, o autor divide o material e o opõe de acordo com as três dimensões supracitadas. Com relação ao caráter reflexivo do discurso, Neveu opõe a “matéria” e o exame ou análise. O autor demonstra como, ao longo da história do jornalismo, há uma transição do terreno da reportagem pura, voltada para a descrição e forte utilização do discurso e das emoções da fonte, para um outro mais analítico. Dentro da especialidade política, por exemplo, os jornalistas se mostram sedentos por mostrar seus conhecimentos do jogo político e a suas capacidades de decodificação do cenário e discurso político. Esta segunda forma da retórica jornalística é resumida da seguinte forma: “mais preocupada com a distância, com a reunião de sentido, com a racionalização e com a expertise” (NEVEU, 1993, p. 10, tradução nossa), e é um indicador da luta dentro do campo jornalístico francês por uma redefinição mais profissional do *métier* jornalístico.

Em relação à dependência das fontes, Neveu enfatiza as mudanças ocorridas no relacionamento com as fontes, visto que estas se profissionalizaram para fornecer notícias e produzir acontecimentos aptos a serem publicados. Assim, o jornalista pode ter, muitas vezes, que maquiar ou sintetizar “des dépêches d’agence” ou o que chamaríamos de releases.

Referente à terceira dimensão de análise, tomada de posição explícita ou não, Neveu divide o material em descrição ou tomada de posição. Geralmente, utiliza-se no jornalismo uma divisão entre as páginas produzidas pelos jornalistas e as páginas onde estão as opiniões exteriores (“Opinião”), no entanto, Neveu defende que, mesmo nas páginas de política há textos onde se trabalha com um ponto de vista (comentário) ou uma linha editorial. A divisão desses gêneros entre os trabalhadores é em grande parte demonstrativo do espaço que eles ocupam no campo.

Neveu ainda destaca as disputas entre uma expertise exterior ao campo jornalístico e a expertise nativa. Na luta pelo domínio do discurso político, os jornalistas adotam conhecimentos externos, como da sociologia e ciência política, e dos institutos de sondagem. De acordo com Neveu (1993), as formas clássicas da expertise jornalística podem ser encontradas na análise estratégica e no editorial. A análise estratégica, que geralmente explica as estratégias presentes em um dis-

curso, uma iniciativa ou uma declaração, mobiliza uma competência pedagógica de "tradutor" (que carrega em si contradições: traduzir sem traduzir, ser pedagógico sem abdicar da postura de especialista) e um conhecimento adquirido em longos anos de socialização com o campo político.

Nos textos reunidos para sua pesquisa, Neveu observou as seguintes marcas nos textos de análise estratégica: presença de formas interrogativas e hipotéticas, uso de linguagem didática, referência ao passado para esclarecer o presente, justificativa das análises baseada em pesquisas de opinião.

Já o editorial, tanto na França como no Brasil, é um gênero praticado somente pelos altos postos do jornalismo, que têm como função emitir a opinião oficial do veículo de comunicação. Por fim, o autor conclui que o espaço das formas jornalísticas é fortemente homólogo ao próprio espaço profissional do jornalismo. Assim, mesmo que a variedade de gêneros jornalísticos passe a falsa impressão de uma escolha do jornalista, Neveu demonstra que o jornalismo está à mercê de uma série de limitações, seja com relação à hierarquia do serviço político, com relação às fontes ou aos serviços que cada mídia deve prestar.

Em outro texto, Neveu (2000) elenca outras limitações do trabalho jornalístico, especialmente na editoria de política, que não repousam somente sobre a estrutura da empresa de comunicação, mas sobre os próprios jornalistas:

O poder dos mediadores também é tributário de obrigações que pesam sobre os jornalistas políticos: imperativos de audiência, conluios entre grupos da imprensa e atores políticos, concorrência entre editorias que privilegiam as soft-news. Mas são, mais ainda, as características dos próprios jornalistas políticos que sugerem os limites das suas posturas críticas. Frequentemente formados nas mesmas áreas escolares que os políticos, eles compartilham ao menos parcialmente certas crenças fundadoras da *illusio* política, a começar pela que atribui à política o poder de mudar O mundo. (NEVEU, 2000, p. 17, tradução nossa, grifo do autor).

2 O JORNALISMO BRASILEIRO E MARANHENSE

Semelhante ao caso francês, o jornalismo brasileiro também pode ser caracterizado por uma baixa autonomia em relação aos campos político e econômico. Em seu surgimento já se observa a "contaminação" das fronteiras, pois o jornalismo não é visto como uma prática profissional, mas como uma posição de expectativa pelas verdadeiras posições almeçadas: polí-

tico e escritor. Petrarca (2007) ressalta que os jornais eram fundados e redigidos por pessoas que desempenhavam funções públicas e também "por escritores, padres, ex-militares, médicos, personagens políticos e revolucionários vinculados aos movimentos sociais e políticos do momento" (PETRARCA, 2007, p. 62). Como regra geral, os agentes que ainda não se vinculavam diretamente à atividade política se envolviam em movimentos ou partidos.

Com o tempo, foi-se estabelecendo um espaço jornalístico, constituído de saberes e práticas próprios, com entidades de controle e recursos de legitimação da atuação profissional, como o diploma. No entanto, como demonstra Petrarca (2007), apesar da institucionalização da profissão, o jornalismo não deixa de ser um espaço para acumulação de recursos diversos que podem ser reconvertidos na atuação em outras esferas, como as assessorias a políticos.

Além da aproximação com relação a uma origem político e literária, existem outras semelhanças entre o jornalismo francês e brasileiro. Quando compara o jornalismo francês e italiano, Saitta (2006) elenca interessantes pontos de aproximação: um "paralelismo político", uma profissionalização tardia e uma autonomia limitada. As características também se encaixam, com suas devidas particularidades, ao caso brasileiro ou, até mesmo, ao maranhense.

A noção de "paralelismo político", segundo Saitta (2006), indica a intensidade e a natureza dos laços entre os meios de comunicação e os partidos políticos, assim como indica a forma como o sistema de comunicação reflete as principais divisões políticas existentes na sociedade. No Maranhão, o paralelismo político da imprensa não diz respeito, de fato, à oposição entre partidos políticos, mas, principalmente, entre grupos faccionais. Os jornais O Estado do Maranhão e Jornal Pequeno, de cujas páginas políticas extraímos o material de análise, são um exemplo dessa lógica.

Os dois jornais possuem direcionamentos políticos opostos e, sumariamente, podem ser caracterizados como pertencente à facção³ vinculada à "família Sarney" e à facção "anti-Sarneyista", respectivamente. O jornal O Estado do Maranhão começou a circular em 1953 com o nome O Dia. Foi adquirido por empresários e políticos, assim como José Sarney, que passou a fazer parte do quadro societário em 1968. Atualmente, ele é dirigido pelo filho de José

Sarney, Fernando Sarney, e integra o Sistema Mirante de Comunicação.

O Jornal Pequeno foi fundado em 1951, por José de Ribamar Bogéa e se mantém até hoje sob direção da família. Segundo Grill e Reis (2010, p. 6):

[...] apesar de reivindicar na sua apresentação uma origem e uma continuidade constituídas a partir do seu caráter "independente" e "apartidário", desde a década de 1960, o órgão tem sido identificado como estando alinhado aos posicionamentos "antisarneyistas" no espectro de forças políticas.

Na análise do material apresentado a seguir é importante não perder de vista o caráter fortemente imbricado dos domínios sociais. Isso foi amplamente demonstrado pelos autores acima citados em trabalho que tratou especificamente da "cobertura" da batalhas jurídicas nas eleições de 2008.

Os principais referenciais em voga, sobretudo na sociologia política francesa, tomam como chave explicativa as transformações ocorridas nos mundos jurídicos, midiáticos e políticos, que re-configuram as teias de interdependência entre agentes situados em espaços distintos e, também, as relações possíveis entre diferentes subcampos sociais [...]. É necessário frisar que a investigação se detém sobre uma configuração histórica marcada pela justaposição entre as múltiplas dimensões, lógicas e recursos de luta (inclusive sendo monopolizados por "famílias" e círculos restritos de uma elite com participação em distintas instâncias e fundados em redes de inter-conhecimento), sendo os diferentes protagonistas dos "casos" (políticos, jornalistas, advogados, juízes, etc.), assim como as instituições (partidárias, empresas de comunicação, escritórios de advocacia, instâncias jurídicas), partes integrantes de lutas entre facções. Não é possível, então, simplesmente transpor os modelos de análise que constatarem as transformações internas e externas simultâneas aos diferentes campos (jurídico, midiático e político); a existência de posições homólogas em cada um deles; a imposição de critérios de excelência ligados à capacidade crítica ou ao ideal de independência; e os usos feitos pelos diferentes protagonistas da legitimidade conquistada em um espaço político mais ampliado e diversificado. (GRILL; REIS, 2010, p. 5-6).

3 AS PÁGINAS POLÍTICAS EM O ESTADO DO MARANHÃO E JORNAL PEQUENO

Para a pesquisa, reunimos todas as matérias publicadas durante as eleições municipais de 2008 nos periódicos em análise. Fundamentados pela divisão de Neveu (1993) nos debruçamos sobre as matérias mais voltadas para o plano informativo que para o opinativo. No plano informativo, operamos uma subdivisão em dois pólos:

1) matérias informativas gerais sobre o pleito, com ou sem caráter interpretativo, geralmente sobre a estrutura do pleito, dados estatísticos, propostas de

candidatos e campanhas dos órgãos oficiais (TSE, TRE, Polícia Federal, etc.);

2) matérias sobre a movimentação dos candidatos, não assinadas e com estrutura de *press-releases*.

No primeiro pólo, também pudemos identificar algumas matérias semelhantes as que Neveu (1993) denominou de "análise estratégica". No entanto, apesar de os jornalistas reivindicarem um forte caráter de análise à editoria de política, grande parte das matérias se caracterizou por uma cobertura pontual.

As divisões acima citadas nos permitiram privilegiar alguns materiais que nos fornecessem mais informações sobre a posição dos jornalistas nesta cobertura e sobre as dinâmicas das editorias.

3.1 Fontes e relações pessoais

Um dos pontos de maior destaque no trabalho jornalístico especializado em política está justamente nas fontes de informação. Como observou Petrarca (2008), a importância das redes de relações e da agenda de contatos é muito importante para a entrada nessa esfera. No jornalismo político francês da quarta república, descrito por Kaciaf (2006, p. 372, tradução nossa), a relação com as fontes é o distintivo entre a "nova geração" de jornalistas, iniciantes no ofício, e os mais antigos, que foram descritos da seguinte forma: "fundamentam sua autoridade na capacidade de manter relações 'densas' e corteses com os principais líderes parlamentares".

Porém, o que, por um lado, pode ser o benefício, por outro pode significar a dependência do jornalista em relação à fonte de informação, visto que pode se estabelecer uma amizade entre estes e o jornalista temer noticiar contra a fonte. Segundo duas jornalistas do jornal O Estado do Maranhão, essa relação demonstra pouco profissionalismo de ambas as partes:

Tiveram pessoas, políticos: "Ah, mas eu sou teu amigo, alivia aí?", e eu dizia: "Não, não to aqui pra aliviar nada, se você quiser continuar sendo meu amigo, vamos ser amigos! Adoro ter você como fonte, mas eu não vou poder deixar de noticiar isso". Entendeu? Então eu acho que isso vai de profissional pra profissional, se tu és minha amiga ou não, interessa que de alguma forma a situação foi errada, a situação é noticiável? Então, para mim, se ela noticia, ela tem que ser publicada". (informação verbal)⁴.

Atualmente, algumas mudanças se estabeleceram no jornalismo em relação às fontes, além de uma maior reivindicação de autono-

mia por parte dos jornalistas, as fontes de informação e o seu preparo para fornecer essas informações se alteraram.

Primeiramente, observa-se uma diversificação das fontes jornalísticas. Além dos agentes políticos, que sempre atuaram como fontes, outros agentes e instituições também passaram a fazer parte deste caderno de contatos: assessores de imprensa, militantes, cientistas políticos, agentes ligados aos políticos e assessores (como motoristas), cobertura de Assembléia Legislativa, Câmara dos Deputados e, mais recentemente, fontes do Tribunal de Contas da União, Ministério Público e outros relacionados ao poder judiciário.

Essa consulta a novas fontes ligadas ao poder judiciário é evidente na fala de alguns entrevistados e também na alocação de uma jornalista para cobrir o poder judiciário. Isso se deve também à recente utilização da expertise jurídica nas disputas políticas e à maior publicização que os processos vêm sofrendo ao longo dos anos, como em 2008, que se falava de "enxurradas de impugnações".

Outra alteração observada vai ao encontro do trabalho de Neveu (1993) que constatou uma maior profissionalização das fontes. Nesse caso, falamos principalmente do material produzido pelas assessorias de comunicação de políticos. A editora de Política de O Estado do Maranhão avalia que houve uma evolução nesse sentido:

Antigamente, assessoria política era muito de bajulação, de fazer oba-oba do político. Hoje não. Hoje, ela já serve mais de fonte pra gente. Eles dão informação para que a gente amplie essa informação ou então eles facilitam o acesso. [...] às vezes a gente não consegue um contato com uma pessoa que a gente quer, com a fonte, mas o assessor está sempre ali e a gente consegue fazer a ponte. Então isso, pra gente, tem mudado pra melhor, graças a Deus. A assessoria tá ganhando um caráter mais técnico, mais profissional, a gente tá evoluindo." (informação verbal)⁵.

Devido a essa evolução e a outras limitações de cunho econômico ou político nos jornais maranhenses (como não possuir jornalistas suficientes para realizar coberturas, apoiar um determinado grupo e ter a obrigação de publicar suas matérias, etc.), percebemos durante o clipping a forte presença dessas matérias. No Jornal Pequeno, elas apareciam, predominantemente, em uma página exclusiva, no fim do jornal (p. 11, 13, etc.), onde se observavam matérias não assinadas, em que o nome e as propostas dos candidatos recebem grande destaque. De acordo com o editor do Jornal Pequeno, durante a época de campanha,

o volume de matérias de assessorias é muito grande. O jornal, então, realiza uma triagem das matérias que são interessantes para o leitor.

No jornal O Estado do Maranhão, o volume de matérias com aparência de assessoria de imprensa é pequeno. Esses textos, normalmente, são aproveitados por um jornalista, juntamente com as informações dos outros candidatos e outras declarações que o jornal possa ocasionalmente obter, e são publicados na forma de resumo dos últimos movimentos das campanhas.

É possível perceber a origem desses por meio da comparação entre os dois jornais. Por exemplo, no Jornal Pequeno, de 23 de agosto de 2008, entre outras matérias, foi publicada na página 15, uma intitulada: "Recepção nos bairros de São Luís deixa Gastão Vieira confiante", na qual lemos:

O meu voto é seu, Doutor Gastão! Estamos confiantes numa nova direção". Com essa frase o candidato à prefeitura da capital, Gastão Vieira, da coligação "Diga Sim pra São Luís", do PMDB/PSC, foi recepcionado em visita ao bairro da Camboa, pelo eleitor Carlos Alberto. Emocionado com a recepção, Gastão Vieira abraçou o eleitor e ficou mais feliz, ainda, ao perceber que a boa receptividade era unânime entre os moradores do bairro. [...] A Camboa hoje está numa área limite de violência da capital. Gastão Vieira vê na segurança eletrônica uma forma de inibir a ação dos bandidos. "Eles podem até querer violentar a paz da comunidade, mas a ação da polícia vai ser mais ágil, a partir da identificação dos marginais, no monitoramento eletrônico. E, aos poucos, a violência vai estar totalmente reduzida", esclareceu. (RECEPÇÃO..., 2008, p. 15).

No mesmo dia, foi publicada em O Estado do Maranhão uma matéria intitulada "Candidatos a prefeito de São Luís intensificam a campanha de rua", na qual lemos o seguinte trecho, praticamente idêntico:

O meu voto é seu, Doutor Gastão! Estamos confiantes em uma nova direção. Com essa frase, o candidato Gastão Vieira, da coligação "Diga Sim pra São Luís" (PMDB/PSC), foi recepcionado em visita ao bairro Camboa pelo eleitor Carlos Alberto. Emocionado com a recepção, Gastão Vieira ficou feliz ao perceber que a boa receptividade era unânime entre os moradores do bairro. Ele apontou a segurança eletrônica como uma forma de inibir a ação de bandidos em áreas como a Camboa. "Eles podem até querer violentar a paz da comunidade, mas a ação da polícia vai ser mais ágil, a partir da identificação dos marginais, no monitoramento eletrônico. E, aos poucos, a violência vai estar totalmente reduzida", esclareceu Gastão Vieira. (CANDIDATOS..., 2008)

A observação da intensa participação de assessorias na produção jornalística vem recebendo muita atenção dos especialistas na área e gera muitas discussões quanto ao papel do

jornalista e do assessor. Neste caso, podemos perceber este fato como demonstrativo do domínio econômico sob o setor.

4 PERFIS, TRAJETÓRIAS E CONCEPÇÕES DE JORNALISMO

Petrarca (2008) investiga o universo profissional jornalístico como um espaço de confronto pela determinação dos critérios de pertencimento entre agentes que possuem recursos sociais diferenciados. Dessa forma, observam-se, como nos trabalhos de Neveu (1993, 2000) e Marchetti (2000), as disputas internas entre os agentes da esfera pela definição legítima do papel que o jornalista deve exercer. Disputas essas, que podem ser definidas também por diferenças entre gerações de jornalistas, como estudadas por Kaciaf (2006) e Saitta (2006).

Para a pesquisa, entrevistamos cinco jornalistas que atuam na editoria de política dos jornais em análises, sendo 3 jornalistas de O Estado do Maranhão (entre eles a editora da editoria) e 2 do Jornal Pequeno (entre eles o editor). Os dados obtidos são insuficientes para uma caracterização morfológica dos jornalistas políticos no Maranhão, porém, já nos fornecem importantes informações.

A presença de duas mulheres na editoria de política de O Estado do Maranhão, por exemplo, vai ao encontro do que Kaciaf (2006) chama de feminização do jornalismo político, que passa a ocorrer, principalmente, a partir dos anos 1970 na imprensa nacional francesa. Não só no jornalismo político, a presença das mulheres na imprensa é um fato relativamente recente, de acordo com Neveu (2006). Apesar do crescimento do número de mulheres nas redações, Kaciaf (2006 p. 380) adverte: "Por um lado, antes dos anos 1990, essas mulheres quase nunca ascendiam ao topo dos serviços ou das editorias mais prestigiados". No caso maranhense, uma dessas duas jornalistas conseguiu chegar à chefia da editoria de política do jornal supracitado, porém, como também ressalta Kaciaf, a integração de mulheres nesses serviços requer um capital social frequentemente mais importante que de seus colegas homens. No caso da editora de Política de O Estado, a jornalista trabalhou em diferentes jornais, além de ter atuado na Assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde da Prefeitura, na Assessoria de Imprensa da Prefeitura, onde passou 12 anos, e também na Assessoria da Assembléia Legislativa. Segundo a editora,

nestes locais ela teve oportunidade de adquirir uma "visão" da política.

Segundo os exemplos de Kaciaf, o capital social das jornalistas muitas vezes estava relacionado ao pai, que podia ter um cargo político ou que atuava de alguma forma no campo político. Observamos esta influência paterna, no relato da outra jornalista de O Estado quando relata que, desde sua iniciação no jornalismo, almejava a editoria de política.

Na quitanda do meu pai, como eu ficava lá desde os doze anos de idade, tinha uma discussão política muito intensa. Eu via meu pai discutindo com os amigos dele tudo, por que frequentava um pessoal de uma classe intelectual [...]: eram bancários, professores universitários, algumas pessoas de partido. Então, tinha aquela discussão muito ferrenha e política sempre me interessou desde pequena, principalmente por conta do meu pai e da quitanda". (informação verbal)⁶

Outra característica morfológica relevante diz respeito à formação superior. Todos os entrevistados nesta pesquisa apresentavam diploma de curso superior em Jornalismo. No entanto, como dois dos casos demonstram, antes de ser uma obrigação para a atuação profissional, visto que já trabalhavam como jornalistas antes da conclusão do curso, o diploma é visto como mais um recurso. Ao analisar diferentes gerações de jornalistas políticos franceses, Kaciaf afirma que:

[...] os jornalistas políticos sempre valorizam uma "expertise" fundada sobre uma certa intimidade com os profissionais da política. Também os diplomas aparecem mais como recursos que se tornaram necessários para ascender às redações e aos cargos desejados que como prova de excelência profissional (KACIAF, 2006, p. 381, tradução nossa).

Estes são os relatos dos jornalistas acima citados, o primeiro de um jornalista de O Estado do Maranhão e o segundo do Jornal Pequeno:

Eu entrei na UFMA em 94 e, no momento que eu entrei, passei logo a trabalhar profissionalmente. Fui contratado pelo jornal Estado do Maranhão. Fiz um concurso lá, um seletivo, passei no teste, que foi inclusive a manchete do jornal do dia seguinte. Quando eu fui trabalhar lá isso acabou me tirando um pouco da atividade profissional, que eu acabei abandonando o curso da UFMA e eu só fui me formar depois de quase quinze anos, já na Faculdade São Luís. (informação verbal)⁷

Na verdade, eu já trabalhava em jornal. Comecei a trabalhar em jornal antes de passar no vestibular pra Comunicação. Eu fazia Química Industrial na Escola técnica e já trabalhava em jornal, aí eu terminei o curso médio e já trabalhava em jornal e fui fazer [jornalismo] porque na época pra conseguir emprego aqui, na área de química [a única esperança era a Alcoa]. (informação verbal)⁸

Nos dois jornais maranhenses, observamos algumas características também encon-

tradas, no passado ou atualmente, no jornalismo francês e italiano. Saitta (2006), por exemplo, fala da idéia de centralidade da editoria de política. Segundo o autor, a maioria dos jornalistas italianos pesquisados tinha, em média, mais de oito anos na editoria de política, porque o cargo indicava certo status na redação. No jornalismo maranhense, além de haver baixa mobilidade dos jornalistas de política em relação aos jornalistas que atuam em outras editorias, o ingresso na editoria é um dos mais dificultados.

No caso específico do Jornal O Estado, [...] o carro chefe é a política, então é uma editoria de peso no jornal. Então, uma das características é a gente ter tempo integral aqui. Então os reporteres eles têm, são full time [...].

Então, o repórter de política ele tem que ter uma visão muito mais completa até por isso que a gente tem repórteres setorizados aqui. São repórteres eminentemente de política, eles até se envolvem muito com a política, né?. É um setor realmente diferenciado, ele não pode ser... Ele até entra, por exemplo, um reporter novo, então ele começa a caminhar, ele começa a conhecer as coisas, ele começa a se inteirar na política partidária, as relações políticas todas. Então, eu vejo assim, o repórter de política, primeiro que não dá pra ser pegar alguém muito verde, é sempre de preferência que já tenha experiência com jornalismo". (informação verbal)⁹

Comparações gerais entre os jornalistas analisados, apesar de possuírem diferentes faixas etárias, não foram possíveis neste trabalho. Por outro lado, de acordo com o local

onde trabalham, percebemos que algumas concepções semelhantes podem estar relacionadas com a socialização profissional.

Antes de analisarmos dois casos em particular, traçamos um pequeno quadro (GRILL; MELO, 2011) com um breve perfil dos entrevistados (Quadro 1).

Percebemos que dos entrevistados, os três jornalistas de O Estado do Maranhão (EM) acreditam que o jornalista de política deve possuir um conhecimento privilegiado do meio. Esses mesmos jornalistas defendem a capacidade de decodificação ou interpretação dos fatos políticos para a composição de matérias de análise.

O distanciamento que o jornalista deve manter também é citado em diferentes momentos por todos os entrevistados, embora alguns sejam contrários ao estabelecimento de relações pessoais que auxiliem na atuação profissional, enquanto outros ressaltam a importância dessas relações para se manterem informados. Dos jornalistas do Jornal O Estado do Maranhão, a que possui uma posição mais radical acerca da relação com as fontes e do envolvimento com a política é a jornalista que, por coincidência, só ingressou na editoria desse jornal em 2009, possuindo, assim, um tempo bem mais breve de atuação no veículo.

A partir das entrevistas e do material recolhido dos jornais, procuramos observar em cada jornal quais trunfos são elencados por esses jornalistas, que posições eles ocupam

Quadro 1 – Itinerário e concepções de Jornalismo

Fonte: Grill e Melo (2010)

	FORMAÇÃO	ATUAÇÃO PROFISSIONAL	ENTRADA NA EDITORIA DE POLÍTICA	ATRIBUTOS DO JORNALISTA POLÍTICO	TRUNFOS PROFISSIONAIS	PAPEL DO JORNALISTA EM RELAÇÃO À POLÍTICA
1	Comunicação Social - Universidade Federal do Maranhão	Editora de Política de E.M.	Não tinha intenção de atuar com política.	Disponibilidade de tempo, conhecimento do contexto e cenário político.	Correção profissional, honestidade.	Tem o papel de avaliar as informações.
2	Comunicação Social - UFMA	Jornalista de Política de E.M.	Ao longo do curso obteve essa preferência devido à influência do pai. Atuou em 3 jornais nessa editoria.	Estar atento ao cenário político; gostar de política.	Profissionalismo e busca por um distanciamento possível.	Tem o papel de divulgar, denunciar e investigar.
3	Comunicação Social - UFMA	Jornalista de Política do J.P.	Atuou em várias áreas até chegar à editoria. Entrada ocasional.	Buscar isenção e independência com relação à política.	Busca pela isenção e pelo distanciamento das paixões que a política gera.	As atribuições do jornalismo estão se esvaindo juntamente com os grandes editorialistas.
4	Jornalismo - Fundação Armando Álvares Penteado (SP)	Editor de Política e repórter especial do J.P.	Atuou em vários jornais de esquerda, até chegar ao J.P., onde é editor há aproximadamente 6 anos.	Coragem, paciência e furo. Todos são atributos necessários para lidar com a informação e conseguir um furo.	Experiência e o domínio da escrita.	Jornalista não pode se misturar com o político. Jornalista deve divulgar, mas não ficar do lado dos políticos.
5	Jornalismo - Faculdade São Luís	Jornalista de Política	Iniciou na editoria por recomendação dos editores. Atua há 14 anos nesta editoria no E.M.	Ter informações, ter boas fontes, manter relações pessoais sólidas.	Capacidade de análise e síntese.	Formador de opinião.

no espaço jornalístico e em relação ao domínio político. Destacamos a atuação de dois dos entrevistados, que apresentam uma postura reivindicativa de autonomia no espaço de atuação profissional. Baseadas em Neveu (1993) e Kaciaf (2006) acreditamos que essa postura pode ser observada pela adoção de repertórios de “decodificação” (décryptage) estratégica, que revela a rejeição de um papel subalterno frente ao poder político.

4.1 O Investigador

O editor e repórter especial do Jornal Pequeno, nascido em São Paulo e residente no Maranhão há seis anos, formou-se em Jornalismo pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) no estado natal, onde atuou no movimento estudantil, militante de uma chapa trotskista. Engajado com as causas sociais, que segundo ele, sempre motivaram a sua atuação profissional, o entrevistado acredita que o jornalista não deve se restringir a uma redação, mas conhecer vários lugares. Assim, atuou em diferentes estados, como Pará, no jornal O Liberal, Recife, Natal e, enfim, no Maranhão.

As suas matérias geralmente veiculadas no Jornal Pequeno, no período eleitoral, eram referentes às eleições no interior do Estado, ressaltando particularidades, como em “Forró é o ritmo preferido dos candidatos da Região do Munim”, e em matérias que possuem ou que reivindicam um caráter de revelação do fato, das quais escolhemos quatro. Em duas delas, o jornalista publica dados importantes referentes à disputa eleitoral. A primeira, intitulada “Arrecadação Parcial de Contas. Clodomir Paz (PDT) arrecada o dobro de João Castelo (PSDB)”, cria a expectativa de uma análise e esclarecimento do fato, mas apenas apresenta números e deixa subentendido, para os leitores mais naturalizados com o cenário, que isso pode significar o uso de verba pública pelo então prefeito em apoio ao candidato do PDT. A segunda, “‘Fuga’ de votos. Quatro vereadores reeleitos tiveram a votação reduzida”, cujo enquadramento provavelmente foi escolhido pelo jornalista, visto que não aparece dessa forma em outro jornal, também se limita a apresentar números de votos.

Duas outras matérias realizadas sobre as eleições no interior do Estado reforçam a idéia do jornalista como um investigador. Em “Sarneisismo perde terreno em municípios mais pobres” e “Eleitores maranhenses

revêem disputas de eleições passadas”, o jornalista aborda temas “inéditos” em relação ao EM e procura analisar os fatos. Percebida sua postura no seguinte trecho:

Os resultados das urnas dos 11 municípios mais pobres do Maranhão [...] revelaram que as populações desses lugares esquecidos optaram por rejeitar, por meio dos votos, a maioria dos candidatos ligados ao grupo, tanto os que buscavam a eleição como os que tentavam ser reeleitos (JP, 18 de outubro de 2008).

Em ambas as matérias, o autor recorre a fatos passados para esclarecer o presente, característica que Neveu (1993) atribuiu ao jornalismo de análise estratégica. Pelo seu discurso, observamos que o jornalista reivindica um papel de investigador, que possui faro para descobrir o que pode “render”. Durante a entrevista, ao falar sobre os atributos dos jornalistas de política (Quadro 1), o editor justifica a resposta (coragem, paciência e faro) com exemplos de três grandes furos nacionais dos quais foi autor.

Aqui a gente já deu pelo menos três furos nacionais. Você sabe o que é um furo, né? Então, a gente deu em primeira mão. [...] O primeiro grande furo foi que a gente conseguiu com exclusividade o inquérito que a Polícia Federal e o Ministério Público Federal fizeram contra o bando chefiado pelo Fernando Sarney, né? Esse daí foi um dos maiores porque só a gente teve acesso a esse inquérito, foi um inquérito que ocorreu sob segredo de justiça. Então, era complicadíssimo, só que de repente chegou aqui um calhamaço e tava tudo lá. [...] A gente pegou tudo, analisou todos os papéis, consultamos o nosso departamento jurídico e eles chegaram a conclusão de que era tudo verdade aquilo. (informação verbal)¹⁰

Em outro caso que cita como um dos grandes furos, o editor revela que obteve apoio do jornal para viajar até Sintra, em Portugal, e procurar provas de que o senador José Sarney possuía um castelo no local.

O jornalista do Jornal Pequeno afirmou que os jornalistas não deveriam se relacionar com os políticos, sendo esta uma relação “promíscua”. Reforçando a idéia de que o trabalho jornalístico não pode ser baseado em redes de relações pessoais, ele avalia que seus maiores trunfos são a experiência e a capacidade de “saber escrever e saber contar uma história” e reafirma uma atuação mais “profissional” e distanciada na prática jornalística.

No mesmo jornal em 26 de outubro de 2008, observamos uma mudança na postura normalmente assumida pelo profissional. Sob o chapéu de Opinião, o jornalista assina um artigo, na principal página dedicada à editoria de política, intitulado “Por que Flávio Dino perdeu o debate”, onde se porta

como "juiz" e avalia a postura e o discurso do candidato.

Mesmo ciente do peso da linha editorial sobre o seu trabalho, o entrevistado defende que nunca foi contestado na sua atuação. Como relata:

Assim que as pessoas pedem alguma coisa, antes que eles levantem a voz e queiram mandar no jornal, eu já digo logo: Não vai dar! [...] O leitor tá em primeiro lugar, o que é interesse do leitor a gente dá, né? O que não é, não tem jeito. Pode ligar pro dono. [...] E eles dizem, na cara-de-pau: Não, então tá bom, vou falar com Lorival. Eles falam com Lorival, aí o Lorival diz: "Não, aí quem resolve é o Oswaldo". Que o dia que ele disser: "ah, tá bom, então deixa!". Então, aí ele que edite o jornal! Né? Porque se não você perde a autoridade, de uma certa forma. (informação verbal)¹¹

4.2 O analista

O segundo perfil se refere a um jornalista que trabalha há aproximadamente 14 anos na editoria de política do jornal O Estado do Maranhão. Coordenador e militante do grêmio estudantil no colégio público Coelho Neto, formado em Jornalismo na Faculdade São Luís apesar de ter passado em segundo lugar na Universidade Federal do Maranhão, onde cursou até o quinto período antes de abandonar para se dedicar à carreira profissional, o jornalista em questão pode ser enquadrado em um dos padrões apresentados por Petrarca (2008): dotado da expertise jornalística, com conhecimento extenso da prática profissional e uma rica agenda de contatos.

O jornalista não nega a importância das redes de relações pessoais com colegas de colégio, faculdade ou mesmo de trabalho e que, geralmente, atuam nas áreas do jornalismo e da política e são reconvertidos em trunfos profissionais. Apesar de acreditar que as relações entre jornalistas e políticos podem comprometer o trabalho jornalístico, devido ao "envolvimento" natural que pode ocorrer, ele reforça a importância das redes de relações para se manter informado sobre o meio político.

Assim, para cumprir o seu papel de "formador de opiniões", o jornalista deve buscar um distanciamento para mostrar ambos os lados e possibilitar que o leitor possa tomar a sua posição.

Como trunfo profissional, o jornalista considera que possui uma boa capacidade de síntese:

Olha, eu diria que um dos meus grandes trunfos que é, acho assim, que é a característica do meu perfil, que é a capacidade que eu tenho de síntese do coti-

diano. Tipo assim, [...] eu não me classificaria como um repórter em si, eu tenho dificuldade de fazer entrevista, eu tenho dificuldade de procurar. Eu gosto de analisar. Ver o fato e transcrever na matéria, essa capacidade de síntese, de contar a história no menor espaço possível. (informação verbal)¹²

O que se assemelha do que Neveu (1993) também chama de capacidade de decodificação. De fato, das matérias selecionadas assinadas por ele, muitas apresentam este caráter de síntese, como em "Falhas da gestão Tadeu Palácio são apontadas por candidatos. Primeiro mês de campanha eleitoral é marcado por duras críticas ao prefeito" ou nas matérias em que resume debates e entrevistas dos candidatos, avaliando a postura e o discurso de cada um.

O jornalista também assume uma posição de analista, utilizando algumas marcas textuais apontadas por Neveu (1993), como a linguagem didática, abordada em forma de pequenos resumos e quadros, e a referência à pesquisas de opinião.

Ao se colocar como analista, no entanto, e mesmo ao tentar buscar um distanciamento, o jornalista acredita que, para ser um formador de opinião, o jornalista precisa ter uma opinião. Assim, o jornalista não se exime de opinar (ou defender a opinião do jornal), nem que seja nas entrelinhas. Em duas matérias, por exemplo, o candidato tenta evidenciar as diferenças entre os candidatos que concorrem ao segundo turno das eleições, Flávio Dino (PCdoB) e João Castelo (PSDB), como pode ser percebido pelo título "Debate da TV Mirante ressalta diferenças entre os candidatos" e no subtítulo "Disputa na capital maranhense reúne duas biografias políticas distintas", que têm o objetivo claro de beneficiar o candidato do PCdoB.

As matérias dos jornalistas, frequentemente, ocupam o lugar de maior destaque na página principal da editoria, correspondente à metade ou mais da metade da página. Esse fator pode indicar o prestígio do jornalista no veículo, que inclusive eventualmente assume o cargo de editor substituto, e certa autonomia que possui para divulgar sua opinião, que, no entanto, normalmente, é a mesma defendida pelo veículo. No seguinte trecho, o jornalista conta como as relações se alteraram ao longo do seu trabalho no jornal:

Obviamente que, em 1995, quando eu comecei no jornal, eu não tinha o acesso à governadora que eu tenho hoje. Depois de quinze anos, é uma pessoa [ele] que ela já conhece das relações políticas. Então, tudo isso acaba mudando a dinâmica. Hoje em dia, uma informação que ela dê pra mim, os editores

do jornal, eles já não vão ter aquela preocupação que “ela quis dizer isso mesmo?”, “será que o repórter não tá empolgado?”. Não. [...]Hoje em dia não tem mais [o cuidado] e a gente tem a liberdade, pode até não sair a matéria, mas agente acompanha os candidatos e toda as informações aqui e ali. (informação verbal)¹³

Diferentemente do editor do Jornal Pequeno, o jornalista, por outro lado, demonstra estar sob certa dependência de suas fontes, pois, com o envolvimento, o jornalista pode ser “influenciado no seu texto” ou temer divulgar uma informação prejudicial para a fonte. Ademais, suas relações estreitas com o mundo político, já lhe renderam a reconversão desse recurso para a expansão das esferas de atuação profissional, por meio do trabalho nas assessorias de imprensa da Assembleia Legislativa e da Câmara dos Deputados, por exemplo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos verificar, em nossa pesquisa, parte significativa das disputas internas na esfera do jornalismo, principalmente referente à reivindicação da legitimidade para definir os papéis e atributos dos jornalistas na cobertura da editoria de política. Apesar de abranger poucos agentes que atuam no jornalismo político maranhense, pudemos observar algumas semelhanças com o caso francês e italiano, com respeito à retórica adotada pelos jornalistas. Percebemos que, mesmo sob influência de condições políticas diversas, alguns jornalistas se destacam reivindicando seja um distanciamento ou uma capacidade de síntese como atributos legítimos da prática jornalística.

Assim como no trabalho de Marchetti (2000) e Grill e Reis (2010), este trabalho enfatiza as intersecções entre os âmbitos político, econômico, jurídico e midiático. As interdependências entre esses domínios indicam um caminho para se pensar a atuação profissional jornalística, especialmente na editoria de política, em um estado fortemente marcado pelas disputas faccionais em que os meios de comunicação se constituem como agentes neste jogo.

Assim, como Grill e Reis (2010) concluíram, a pesquisa mostrou um cenário complexo, marcado pela multiposicionalidade dos agentes aqui estudados. Esse fator, ao contrário de um término, indica a possibilidade de continuar e aprofundar o tema sob várias perspectivas.

NOTAS

1. Pesquisa esta que só se tornou possível graças à concessão de bolsas do CNPq.
2. Segundo Kaciaf (2006), em vários jornais franceses (L'Humanité, France-Soir, etc.) o critério de assinatura distinguia os jornalistas segundo o seu prestígio e experiência.
3. Segue-se o uso feito por Grill e Reis (2010, p. 6): “São coalizões políticas rivais, instáveis e temporárias, centradas em lideranças personalísticas, cujos seguidores são recrutados de acordo com os recursos disponíveis para seus egos, que são capazes de gerar retribuições àqueles que aderem à sua liderança”.
4. Informação fornecida por jornalista de O Estado do Maranhão.
5. Informação fornecida por editora de O Estado do Maranhão.
6. Informação fornecida por jornalista de O Estado do Maranhão.
7. Informação fornecida por jornalista de O Estado do Maranhão.
8. Informação fornecida por jornalista do Jornal Pequeno.
9. Informação fornecida por editora de Política de O Estado do Maranhão.
10. Informação fornecida por editor do Jornal Pequeno.
11. Informação fornecida por jornalista do Jornal Pequeno.
12. Informação fornecida por jornalista de O Estado do Maranhão.
13. Informação fornecida por jornalista de O Estado do Maranhão.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Elthon. *Raposas, herdeiros e outsiders: especialização política e dinâmica eleitoral em Pinheiro – MA*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CANDIDATOS a prefeito de São Luís intensificam a campanha de rua. O Estado do Maranhão, São Luís, 23 ago. 2008.
- CANÊDO, Letícia Bicalho. Estratégias familiares na produção social de uma qualificação

política. *Educação & Sociedade*, São Paulo, n. 39, ago. 1991.

CARRILO MORENO Rosangela; ALMEIDA, Ana Maria F. "Isso é política, meu!": socialização militante e institucionalização dos movimentos sociais. *Pro-posições*, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 59-76, maio/ago. 2009.

CHAMPAGNE, P. *Formar a opinião: o novo jogo político*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Introduction: le journalisme à l'économie. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 131, n. 1, p. 3-7, 2000a.

_____. La construction médiatique des "malaises sociaux". *Actes de la recherche en sciences sociales*, La souffrance. v. 90, p. 64-76, déc. 1991.

_____. L'événement comme enjeu. *Réseaux*, v. 18, n. 100, p. 403-426, 2000b.

CORADINI, Odaci Luiz. A formação da elite médica no Brasil e seu recrutamento: confronto com o caso francês. *Cadernos de Ciência Política*, Porto Alegre, n. 11 1998.

_____. "Grandes famílias" e elite profissional na medicina no Brasil. *Cadernos de Ciência Política*, Porto Alegre, n. 2, 1995.

GRILL, I. G. et al. Bases sociais, alianças e mediação na seleção das "elites locais" no Maranhão. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. *Anais...Caxambu*, ANPOCS, 2009^a.

GRILL, I. G. et al. Recursos sociais, reciprocidade e mediação na dinâmica de seleção de prefeito do Maranhão. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 14., 2009, Recife. *Anais...* Recife: Fundaj;/UFPE, 2009b.

GRILL, I. G.; REIS, E. T. Entre togados e votados: as "batalhas jurídicas" nas disputas eleitorais. In: ENCONTRO ABCP, 7., 2010. Recife. *Anais...* Recife: ABCP, 2010.

KACIAF, Nicolas. Le journalisme politique d'une république à l'autre. In: COHEN, Antonin et al. *Les formes de l'activité politique: éléments d'analyse sociologique, du XVIIIe siècle à nos jours*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

LIMA, João Gilberto. *Bases sociais, facções e mediação: o processo de seleção de "elites locais" e a dinâmica de concorrência eleitoral em um município maranhense*. Monografia

(Graduação em Ciências Sociais) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.

MARQUETTI, D. "Les révélations du journalisme d'investigation". *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, n. 131-132, 2000.

_____. Les sous-champs spécialisés du journalisme. *Réseaux*, v. 20, n. 111, p. 21-55, 2002. Disponível em: <http://www.cairn.info/sommaire.php?ID_REVUE=RES&ID_NUMPUBLIE=RES_111>. Acesso em: 3 dez. 2009.

MICELI, Sergio. Jorge Luis Borges: historia social de um escritor nato. *Novos estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 77, São Paulo, mar. 2007.

NEVEU, Érik. De quelques incidences des médias sur les systèmes démocratiques. *Réseaux*, v. 18, n. 100, p. 107-136, 2000.

_____. Pages « politique ». *Mots*, v. 37, n. 1, p. 6-28, 1993.

_____. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PETRARCA, Fernanda Rios. *O jornalismo como profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul*. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. "Elites jornalísticas, recursos políticos e atuação profissional no Rio Grande do Sul". *TOMO*, São Cristóvão, n. 13, jul./dez. 2008.

RECEPÇÃO nos bairros de São Luís deixa Gastão Vieira. *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 15, 23 ago. 2008

SAITTA, Eugénie. Le désenchantement des journalistes politiques: une comparaison France/Italie. In: COHEN, Antonin et al. *Les formes de l'activité politique: éléments d'analyse sociologique, du XVIIIe siècle à nos jours*. Paris: Presses universitaires de France, 2006.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Santa Catarina, v. 2, n. 1, 2005.